

FELIPHE HENRIQUE DA SILVA SOUZA

**RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE O
FILME NÁUFRAGO E O LIVRO ROBINSON CRUSÓE**

**FAAT
ATIBAIA 2017**

FELIPHE HENRIQUE DA SILVA SOUZA

**RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE O
FILME NÁUFRAGO E O LIVRO ROBINSON CRUSOÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade Atibaia como
requisito parcial para obtenção de
licenciatura plena do Curso de Letras.
Orientadora: Prof^ª. Dr. Sônia Brown.

FACULDADES ATIBAIA

ATIBAIA – 2017

Dedico este trabalho à minha bisavó, Glaucia Lopes da Silva, que me ensinou a ler e escrever quando eu tinha apenas três anos de idade. Ela também foi responsável por eu desenvolver interesse pela poesia e literatura em geral, mostrando-me que o amor pode ser expresso em palavras, sem se tornar vazio ou perder seu valor e sentido, permitindo assim, que minha alma transborde alegria ao desvendar seus infinitos significados.

Ao meu bisavô, Francisco Coelho da Silva, que sempre me motivou a estudar, além de me ensinar a ser um homem comprometido em dizer a verdade a qualquer custo, ser um homem digno e honesto, dono de um coração altruísta e extremamente generoso.

"Descobri que a maior felicidade que existe é a silenciosa certeza de que vale a pena viver."

Amyr Klink

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por colocar em meu caminho pessoas tão maravilhosas que me ajudaram a concluir este trabalho.

À minha avó Jaira e ao meu avô Dirceu por terem me sustentado até aqui.

À minha mãe, Alessandra Lopes, por colaborar financeiramente no início para que eu pudesse realizar meu sonho.

Agradeço também às minhas tias Rosana Alves, Luciene Veloso, Jocelia Lopes e Cristiane por acreditarem mais em mim do que eu mesmo acreditava, incentivando e apoiando-me no momento mais difícil da minha vida.

A todas as professoras com as quais tive o prazer de aprender muito. Em especial às professoras Beatriz Fiquer, Cleidil Peixoto, Sônia Brown e Tamara.

Aos meus amigos Beto e João, que me ajudaram na edição deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho foi feito com a finalidade de se entender mais sobre intertextualidade através da análise entre o livro Robinson Crusoe, de Daniel Defoe, escrito em 1719 e o filme Náufrago, de Robert Zemeckis. Esta pesquisa poderá mostrar o quão importante é a leitura, pois quem não leu o livro não será capaz de reconhecer suas semelhanças com o filme. Mostrará que um texto nunca é escrito isoladamente e que, dentro de uma obra, pode-se encontrar características semelhantes à outra que foi elaborada em outra época, em um contexto histórico diferente, mas que podem conversar entre si. Poderemos verificar como se estabelece essa intertextualidade e de que forma podemos verificar essas relações intertextuais em outras obras.

Palavras Chave: intertextualidade; Robinson; Crusoe; Náufrago; Chuck; filme; livro; Daniel Defoe; Cast Away; Robert Zemeckis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1	9
Intertextualidade	9
1.1 - Intertextualidade Explícita	11
1.1.1 - Paráfrase	11
1.1.2 - Paródia.....	11
1.1.3 - Pastiche.....	12
1.1.4 - Citação.....	12
1.1.5 - Tradução.....	13
1.2 - Intertextualidade Implícita	13
1.3 - Intertextualidade Temática	14
1.3.1 - Epígrafe	14
1.3.2 - Referência.....	15
1.3.3 - Alusão.....	15
1.4 - Intertextualidade Estilística	15
CAPÍTULO 2	17
Obras 17	
2.1 – Naufrago (Cast Away), o filme	17
2.2 - Resumo do filme Naufrago (Cast Away)	17
2.2.1 - Robinson Crusoe´ resumo livro	19
Cap 2.3 - Quem foi Daniel Defoe.....	22
CAPÍTULO 3	24
Intertextualidade: Naufrago e Robinson Crusoe´	24
CONCLUSÃO.....	36
BIBLIOGRAFIA:.....	38

INTRODUÇÃO

A literatura é uma arte apreciada por um grande público, não diferente dela, o cinema vem a cada dia conquistando mais espaço e até ganhando a preferência da nova geração. A moderna tecnologia que oferece uma qualidade de som e imagem excelente, o entretenimento proposto e valores acessíveis para praticamente todas as classes sociais fazem com que ir ao cinema seja uma das atividades culturais mais agradáveis para muitos.

Os filmes não competem com os livros, embora muitos prefiram assistir a um filme a ler um livro, ainda mais quando se trata de um mesmo assunto. A maioria dos filmes é inspirada na literatura. O romance, por exemplo, costumeiramente é transportado dos livros para as enormes telas de cinema, assim como também ultimamente tem acontecido com HQ'S, que contam aventuras de vários super-heróis. Isso acaba presenteando os fãs de livros que podem ver suas histórias preferidas sendo representadas nas telas do cinema. Seus personagens com uma aparência e voz, que antes eram só imaginadas de acordo com aquilo descrito no livro.

Embora muitos tenham a opinião de que os filmes possam diminuir o interesse das pessoas pela leitura podemos observar que eles também podem incentivar o interesse à leitura. Quem nunca ouviu aquela frase “o livro é melhor que o filme”? Ou então a assertiva “no livro não é assim que acontece” depois de se ter assistido a um filme baseado em um livro. Esses comentários, como também a produção do filme pode instigar a curiosidade dos espectadores em relação aos livros, fazendo com eles agreguem conhecimentos e desenvolvam um conceito crítico tanto em relação ao livro quanto ao filme.

Hoje as crianças têm o costume de ler histórias em quadrinhos, pois sabem que a qualquer momento a aventura de seu super-herói pode estar nas telinhas, e elas desejam saber tudo sobre o possível filme, antes que ele seja lançado. Sabemos que as produções cinematográficas não são inteiramente fidedignas à sua base, ao seu intertexto e, que elas, por suas características e forma de produção, podem estabelecer relação com outras produções, sejam elas literárias ou cinematográficas.

Este trabalho, em seu primeiro capítulo intitulado “Intertextualidade”, apresentará como foi desenvolvido esse conceito e alguns tipos de intertextualidade, com exemplos variados de diálogos que podem ser realizados entre diversas obras, mostrando que a cultura

em si é muito importante em todo esse processo intertextual e que esse conceito tem se tornado indispensável para que se possa compreender a literatura.

O capítulo dois “Obras” apresentará algumas curiosidades sobre o filme *Náufrago* e o resumo do mesmo. Um breve relato sobre a vida do escritor Daniel Defoe com nome das obras que ele escreveu e por fim, o resumo do livro *Robinson Crusóé*.

O terceiro e último capítulo intitulado “Relações Intertextuais entre o filme *Náufrago* e o livro *Robinson Crusóé*” apresentará como foi estabelecido o diálogo entre o filme *Náufrago* e o livro *Robinson Crusóé*, aplicando o conceito desenvolvido no primeiro capítulo.

Por fim, será apresentada a conclusão do trabalho, mostrando os resultados obtidos durante a realização do mesmo.

CAPÍTULO 1

Intertextualidade

De acordo com Paulino, Walty e Cury (2005) podemos achar que as transformações culturais ocorrem apenas quando é realizada uma grande descoberta ou invenção, algo que seja visível por toda uma sociedade, logo de imediato. Mas temos de saber entender que, para se realizar uma descoberta, tivemos que utilizar conhecimento dos quais nos apropriamos anteriormente. Se não levássemos isso em consideração; se o homem não utilizasse dos conhecimentos, invenções ou descobertas anteriormente realizadas por ele, sempre teria de começar do zero a cada nova conquista, o que poderia modificar a grandeza e/ou relevância daquilo que iria ser conquistado posteriormente, quando comparado ao que se conquistou usando conhecimentos, invenções e descobertas anteriores. A moda pode ser considerada um ótimo exemplo, pois vai sendo alterada conforme o tempo vai passando. Ela se inspira em outros contextos culturais, sejam eles filmes, artes plásticas ou conquistas científicas. A moda, além de tudo, é uma manifestação da cultura. O mesmo estilo criado hoje pode ser o mesmo que já existiu há trinta anos, só que apenas com uma finalização diferenciada, pois ao longo desse tempo, outros recursos foram surgindo, fazendo com que assim o que já foi feito, pudesse ser inovado, não deixando de se utilizar daquilo que já era usado anteriormente. Sendo assim, podemos considerar a sociedade como uma grande rede intertextual, que se encontra sempre em constante movimento. A TV é um meio de comunicação de massa que utiliza diversas linguagens ao mesmo tempo, e assim, contribui para o movimento dessa rede, pois é tanto um palco de encenação para pintura, teatro, música e literatura quanto beneficia a arte através de seus recursos, propondo novos gêneros: contos ou romances que possuem “cortes” exclusivos da linguagem televisiva.

Segundo Koch (2008), o conceito de intertextualidade originou-se no interior da disciplina de Teoria Literária, na década de 60. A francesa Julia Kristeva deu introdução desse conceito baseada no postulado do dialogismo bakhtiniano, em que abrange cada texto, formando outro texto, num ciclo de textos que já foram ou ainda serão escritos. Importante ressaltar que Bakhtin nunca usou o termo intertextualidade. O que Julia Kristeva nomeia intertextualidade Bakhtin chama de dialogismo.

Ainda segundo Koch (2008), observamos que a Linguística Textual incorporou o postulado dialógico de Bakhtin (1929), mostrando que um texto não existe nem pode ser

compreendido por si só, isto é, ele está sempre em diálogo com outros textos. Dessa forma, todo texto nos evidencia uma relação incontestável de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que o antecedem, com os quais dialoga, fazendo uma menção ou se opondo a ele.

Segundo Bakhtin apud Kock: “o texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos... Por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas.” (Bakhtin, 1986:162) (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p16).

Kristeva também acrescenta *apud* Koch, “qualquer texto se forma como um mosaico de citações e é a assimilação e transição de outro texto.” (KOCH; BENTES, CAVALCANTE, 2008, p14).

Segundo Koch (2008), tratando-se de intertextualidade, é preciso que o texto faça alusão a outros textos ou excertos de textos já produzidos, com os quais estabeleça algum tipo de relação.

Conforme Paulino, Walty e Cury (2005), percebemos que não somente a maneira como são reproduzidos, também como com o tipo de códigos que estão sendo utilizados, a linguagem, dão forma à construção e à recepção dos textos. Em um romance, por exemplo, usa-se apenas o código verbal. Já alguns desenhos animados e na mímica, os personagens não falam, sendo utilizadas na reprodução apenas imagens, não contendo nenhuma palavra. Muitos textos utilizam uma diversidade de códigos e chegam até nós por mais de um canal. Trata-se de textos pluricodificados. O filme, por exemplo, atinge nossos olhos e ouvidos, assim como uma peça de teatro ou uma conversa informal atinge também. Paulino ainda nos lembra de que muitos espectadores se queixam quando assistem a um filme inspirado num romance, por conta das diferenças que muitas vezes são exorbitantes, só que ele explica que seria inevitável tal diferença não ficar evidente, pois o diretor do filme praticamente cria outro texto, fazendo uma nova leitura no sentido de produção que caracteriza esse processo de mudança do texto verbal para o não-verbal.

Ainda de acordo com Paulino, Walty e Cury (2005) dar assertiva de que um texto faz retomada a outro ou se apenas é uma mera cópia é uma das problemáticas da intertextualidade. No campo textual temos como manifestação dessa comprovação de retomada os seguintes tipos de intertextualidade: explícita, implícita e temática.

1.1 - Intertextualidade Explícita

Segundo Koch (2008) ocorre no momento em que, em um texto, é mencionada a fonte do intertexto, ou seja, quando um excerto ou outro texto é atribuído a outro enunciador. Acontece muito quando se emprega o recurso à autoridade realizando assim, citações do intertexto no texto em questão.

De acordo com Paulino, Walty e Cury (2005), a prática de intertextualidade explícita pode ocorrer nos casos de: paráfrase, paródia, pastiche, citação e tradução.

1.1.1 - Paráfrase

Segundo Paulino acontece quando temos a recuperação de um texto, retomando seu processo de construção em seus mesmos efeitos de sentidos. Resumir ou recontar uma história também é parafrazeá-la. Não podemos considerar a paráfrase como plágio, pois uma verdadeira paráfrase deixa clara sua fonte. Fica evidente que está havendo um diálogo com o texto que está sendo retomado e que não há a intenção de substituí-lo.

1.1.2 - Paródia

Para Paulino, Walty e Cury (2005) a paródia é uma forma de apropriação que retoma outro texto rompendo com ele de uma forma sutil ou aberta, aparecendo na maioria das vezes com um tom satírico. Um ótimo exemplo de uma obra que é muito retomada é a *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, que possui diversas versões, em sua grande maioria repleta de ironias. Paulino (2005) ainda afirma “a paródia está sempre funcionando na literatura e na sociedade como um canto que desafina o tom elogioso, bem-comportado, conservador das práticas discursivas hegemônicas”. (PAULINO, WALTY, CURY, 2005, p.40).

1.1.3 - Pastiche

De acordo com os mesmos autores, possui alguns elementos da paródia, mas diferente dela trata dos seus temas com mais seriedade, não apresentando tom satírico. O pastiche não faz retomada precisamente apenas a textos específicos, mas refere-se a todo um gênero. O drama, por exemplo, por ter sido tão parodiado passou a ser chamado de “dramalhão” de uma forma pejorativa, e assim, acabou saturando-se e sofrendo uma morte estética do gênero. Dessa forma é que o gênero serve ao pastiche, pois o pastiche recupera os elementos desse gênero e ele reaparece com outra significação. O pastiche, ao contrário da paródia, trata de forma positiva as características do gênero. Paulino ainda afirma que “o pastiche tem algo de nostálgico e algo de proposta suplementar ao passado” (PAULINO, WALTY, CURY, 2005, p42).

“O livro *Como água para chocolate*, de Laura Esquivel, adaptado para o cinema por Alfonso Arau, pode ser considerado um pastiche do dramalhão mexicano, quando retoma seus elementos como gênero arquetípico. A história do amor proibido é atravessada pelo código alimentar: através dos pratos que magicamente prepara, Tita, impedida pela mãe de casar-se com o homem que amava, constrói sua inserção no mundo. Hipertrofiando com seriedade as características do gênero, a autora dá a ele outro sentido, alcançando com isso, paradoxalmente, leveza e novidade. Transposta com felicidade para a tela, a história mistura vários textos: lendas indígenas, elementos históricos, além de narrativas míticas e literárias. No episódio do rapto da irmã de Tita, Gertrudes, pelos revolucionários políticos, pode-se notar, além da referência explícita à história mexicana, uma retomada do quadro *O rapto das sabinas*, de Velásquez. Tanto o livro como o filme são espaços privilegiados de diálogos entre textos.” (PAULINO, WALT, CURY, 2005, p.42).

1.1.4 - Citação

Segundo Paulino, Walty e Cury (2005), a citação nada mais é que um pedaço de um texto no corpo de outro texto. Muito comum no meio acadêmico, principalmente pela necessidade de que as fontes de pesquisa estejam evidentes.

1.1.5 - Tradução

Conforme Paulino, Walt e Cury (2005), não devemos limitar o sentido do significado da tradução. Mais recentemente foi percebida como uma forma de intertextualidade, aproximando-se em seu sentido da paráfrase. Pode ocorrer em adaptações de obras literárias para o cinema, em que se estabelece diálogo entre textos verbais e não verbais. O diretor do filme realizada a tradução criando um novo texto e assim podemos observar que o que está a tradução não é exatamente igual à fonte do que está sendo traduzido.

1.2 - Intertextualidade Implícita

Segundo Koch (2008), a intertextualidade implícita ocorre no momento em que é introduzido no texto, intertexto de outrem, sem mencionar explicitamente a fonte, com o objetivo seja de seguir a orientação argumentativa, seja de contraditá-lo, questioná-lo, ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário.

Nesses casos, o produtor do texto espera que a presença do intertexto seja reconhecida pelo leitor/ouvinte, pelo avivamento do texto-fonte em sua memória discursiva, caso isso não aconteça, a construção do sentido será prejudicada. Observe o exemplo a seguir:

Nova Canção do Exílio (Paulo Mendes Campos)

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá

Mas meu rabicho é Paris

Onde sabiá não dáaa.

(...)

Minha terra atem mansão

Onde canta ao carcará

Tem rede do Maranhão

Pra bem-bom de marajá.

Minha terra tem jardim

Onde canta Ali Babá

Vou dar uma de Aladim

Nos haréns de Bagdá.
 Minha terra tem coqueiros,
 Sabiá já foi pro brejo
 Brasileiras, brasileiros,
 Daqui vou pro Alentejo!
 Adeus, primeiro-de-abril!
 Adeus, heróis do Brejal!
 Vou enfiar o Brasil
 Nesse trem de Portugal!
 (Jornal do Brasil, 16/10/1988)
 (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2008, p41 e 42)

Podemos observar que é uma subversão da “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. Se o leitor não a conhece, não conseguirá estabelecer relação e entender o que o autor dessa subversão está propondo.

1.3 - Intertextualidade Temática

Segundo Koch (2008), ocorre entre textos que compartilham uma mesma corrente de pensamento, que possuem temas em comum e recorrem a conceitos com uma terminologia própria, como, por exemplo, entre as diversas matérias de um jornal que tratam de um determinado assunto, entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero, ou até mesmo entre diversos contos de fadas tradicionais e lendas que fazem parte do folclore de várias culturas. É comum aparecer em forma de : epígrafe, referência e alusão.

1.3.1 - Epígrafe

Conforme Paulino, Walty e Cury (2005), o texto em epígrafe é um recorte de um texto que é colocado como introdução de outro. Ele é capaz de modificar o texto ao qual está servindo de introdução, atribuindo novos sentidos a ele. Um bom exemplo é o próprio recorte que utilizei como epígrafe deste trabalho. O trecho “ descobri que a maior felicidade que existe é a silenciosa certeza de que vale a pena viver” foi retirado do livro *Cem dias entre céu e mar*, de Amyr Klink, e não só atribui novo sentido a este trabalho como também faz todo

sentido tanto com a obra *Robinson Crusoe* e o filme *Náufrago*, ambos analisado neste trabalho. É comum o uso da epígrafe em teses acadêmicas, retomando textos poéticos, científicos ou de outra natureza, porém, nem sempre ela é retirada de um texto literário.

1.3.2 - Referência

Segundo Paulino, a referência ocorre quando é colocado em um texto um componente de outro texto, de uma forma que faça quem está lendo lembrar e estabelecer relação com o que está sendo lido e a referência citada. Paulino nos mostra um ótimo exemplo: “ Ao ler o conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, o leitor se depara com uma cena em que o narrador se compara com D’Artagnan, personagem do romance Os Três Mosqueteiros, de Alexandre Dumas. Aí aparecem explicitamente os nomes da personagem, do romance e do autor. Porém, mesmo se apenas um deles estivesse presente, já se configuraria uma referência. Diferentemente da referência técnica, nesse caso o leitor pode interpretar a associação entre os dois textos de forma a enriquecer a construção da personagem com a marca da aventura.” (PAULINO, WALTY, CURY, 2005, p.29)

1.3.3 - Alusão

Para Paulino (2005), é um tipo de intertextualidade fraca, pois faz apenas uma breve menção a outro texto ou a apenas um de seus componentes. Sendo assim, é necessário que o leitor conheça muito bem outras para que seja possível estabelecer alguma relação.

1.4 - Intertextualidade Estilística

Segundo Koch (2008), a intertextualidade estilística se dá quando o produtor do texto repete ou imita certos estilos ou variedades linguísticas. Identifica-se comumente em textos que reproduzem um jargão profissional, um dialeto ou a linguagem bíblica, como podemos ver no exemplo abaixo, que possui como intertexto a oração do Pai Nosso:

“Oração dos Programadores

Sistema operacional que estais na memória,
Compilado seja o vosso programa,
Venha à tela os vossos comandos,

Seja executada a nossa rotina,
Assim na memória como na impressora.
Acerto nosso de cada dia, rodai hoje.
Informai os nossos erros,
Assim como nós informamos o que está corrigido.
Não nos deixeis cair em looping,
Mas livrai-nos do Dump,
Amém.”

(KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2008, p.19)

Sabendo disso, podemos concluir que a leitura de forma geral torna-se indispensável para a intertextualidade, pois quanto mais se lê, maior torna-se a habilidade de estabelecer diálogos existentes entre os textos. Assim como será mostrado neste trabalho com a apresentação da relação entre a o livro *Robinson Crusóé* e o filme *Náufrago*.

CAPÍTULO 2

Obras

2.1 – Naufrago (*Cast Away*), o filme

Náufrago, filme dirigido por Robert Zemeckis, foi produzido no ano de 2000 e lançado no dia 26 de janeiro de 2001. O longa-metragem de 2h23min tem como protagonista Tom Hanks. É a segunda vez que o diretor Robert e Tom Hanks trabalham juntos. A primeira vez foi em 1994, no filme *Forrest Gump – O contador de histórias*. O filme *Náufrago*, intitulado originalmente “Cast Away”, teve um orçamento de 90 000 000 reais. Recebeu duas indicações ao Oscar, nas categorias de Melhor Ator (Tom Hanks) e Melhor Som. Ganhou um Globo de Ouro, na categoria de Melhor Ator em drama (Tom Hanks).

A grande maioria das cenas do filme foram filmadas em Nomu-Riki, Namou e Tavarua, três das mais de trezentas ilhas que formam o arquipélago de Fiji. Estão localizadas no Pacífico Sul, entre a Austrália e a Nova Zelândia, um lugar aparentemente inóspito, mas que se revela paradisíaco.

Devido ao processo de transformação pelo qual o ator Tom Hanks teve de passar, as filmagens foram divididas em dois longos períodos. Primeiramente, foram rodadas as cenas em que o personagem aparecia antes do acidente, depois de alguns meses, após Hanks ter perdido vinte quilos e deixado a barba crescer bastante, foram filmadas as cenas em que o personagem está há anos preso na ilha.

2.2 - Resumo do filme *Náufrago (Cast Away)*

O filme *Náufrago* mostra o drama vivido por Chuck Noland (Tom Hanks), um inspetor da Fedex- uma multinacional encarregada de transportar cargas e correspondências pelo mundo todo.

Em uma de suas viagens para realizar uma visita a um dos escritórios da empresa, acontece algo que mudará totalmente a vida de Chuck. Devido ao mal tempo, o piloto muda o curso do avião. Logo em seguida, por uma razão desconhecida, ocorre uma explosão, fazendo com que o avião caia no mar.

Quando amanhece, Chuck encontra-se em uma ilha no Oceano Pacífico e, com o passar do tempo, percebe que foi o único sobrevivente e que está sozinho. As ondas o levam até a beira da praia junto com algumas das encomendas que estavam no avião, Chuck as encontra e decide abrir algumas delas, deixando apenas uma fechada. Nos outros pacotes que abre, encontra um vestido; usado como se fosse uma rede para pescar; um par de patins de esqui, utilizado como se fosse uma faca e uma bola de vôlei da marca Wilson, que acaba sendo a “companhia” dele durante o tempo que passa ali. Wilson tem um papel importante, pois Chuck o considera como uma pessoa com a qual ele passa horas conversando.

Em sua luta pela sobrevivência passa por muitas necessidades, tanto física quanto emocional. Um dos momentos mais tensos do filme é quando realiza a extração do seu próprio dente.

Ele tenta sair da ilha logo nos primeiros dias. Constrói uma pequena jangada, mas as ondas gigantescas o arrastam de volta para ilha. Após mil e quinhentos dias, depois de ter observado as condições do tempo e preparado melhor sua jangada, ele se lança ao mar, levando consigo Wilson (a bola de vôlei) e, dessa vez, consegue ultrapassar ondas gigantescas e se distancia da ilha, ficando à deriva. Adormece. Acordando percebe que Wilson está boiando, se distanciando da jangada. Desesperado, tenta alcançar “o companheiro”, mas não consegue. Desolado, volta à jangada e se desfaz dos remos, como se estivesse desistindo. Adormece novamente. Um navio cargueiro passa por perto. Chuck se vira sobre a jangada lentamente e já sem forças acena com a mão e é finalmente resgatado.

Quando volta para casa é recebido pela imprensa e por seus amigos com festa, porém logo descobre que Helen, sua namorada antes do naufrágio, está casada e tem uma filha com seu antigo dentista, Dr. Spaulding. Em seu reencontro com Helen, Chuck percebe que, apesar do amor que os dois sentem um pelo outro, eles não têm chance de ficar juntos. Helen lhe entrega seu carro, que ela guardara esse tempo todo. Chuck pega o carro e parte para sua próxima jornada: entregar a encomenda que ele não abrira enquanto estava na ilha.

A encomenda tem uma marca na embalagem de duas asas de anjo douradas com alguns espirais azuis, a mesma marca que está na entrada da fazenda da dona do endereço. Ao chegar ao local, Chuck não encontra ninguém, mas deixa a encomenda com um bilhete dizendo que aquele pacote salvara sua vida. Saindo da fazenda, ele para na esquina de uma

encruzilhada, desce do carro e abre um mapa sobre o capô de seu carro tentando decidir que caminho irá seguir. Uma mulher para sua caminhonete ao lado dele, desce e simpaticamente oferece ajuda, dando algumas informações. Chuck ouve e agradece. Quando a mulher vai embora, observa, na traseira da caminhonete dela, a mesma marca que estava na encomenda que ele diz ter salvado a vida dela.

2.2.1 - *Robinson Crusóé* resumo livro

O livro de Daniel Defoe narra a história de Robinson Crusóé, um jovem inglês de classe média, nascido em Iorque, no ano de 1632. Possuidor de um espírito aventureiro, logo após completar sua maioridade, convidado por um amigo, embarcou em sua primeira viagem em um navio sem avisar ninguém. Partiu da cidade de Hull, onde estava casualmente, e foi parar em Yarmouth. A viagem não deu muito certo, Robinson foi advertido pelo capitão para que nunca mais entrasse em um navio. Não desejando voltar para casa como um fracassado, decidiu ir por terra até Londres, onde se tornou amigo de um capitão que o convidara para viajar sem custo algum. Foram para Guiné, nas costas da África e, assim, se tornou, além de marinheiro, um mercador.

Passado um tempo, seu capitão vindo a óbito, Robinson embarcou novamente no mesmo navio, sob o comando do antigo imediato. Infelizmente, a viagem não foi como esperada. Próximo às ilhas Canárias, a tripulação foi surpreendida por um pirata árabe que vivia em Salé, Marrocos. Após duas tentativas, o capitão do navio pirata rendeu a tripulação, fazendo-os prisioneiros. De mercador e marinheiro, passou a ser escravo. E assim foi por dois anos, quando conseguiu escapar num pequeno barco e um navio português o recolheu levando-o até o Brasil, onde se naturalizou português, visto que, na época, o Brasil pertencia a Portugal.

No Brasil, Robinson conseguiu uma vida calma e segura, tornou-se fazendeiro e sua plantação prosperou. Porém, a aventura o atraía. Alguns colegas o convidaram para voltar ao mar novamente. O objetivo era buscar escravos em Guiné. Robinson não precisava investir nenhum capital na viagem, tudo que precisava fazer era prestar seus serviços e, com isso, poderia ficar com a quarta parte de todos os lucros. O dinheiro pouco lhe importava. Ansiava por uma nova aventura. Nomeou o capitão português que o salvara como seu herdeiro e providenciou outras formalidades para garantir o funcionamento da fazenda enquanto estivesse viajando. Partiu no primeiro dia de setembro de 1659. O barco preparado por seus

companheiros deslocava cento e vinte toneladas, levava seis canhões e uma tripulação de dezessete homens, incluindo Robinson. Partiram do porto de Salvador, subindo a costa brasileira, percorrendo caminho que era comum a todos que naquele tempo cruzavam o oceano para ir à África. Logo após alguns dias de viagem, uma tempestade fez com que o navio saísse da sua rota original, encalhando no extremo norte do Brasil, acima do rio Amazonas, distante de qualquer porto brasileiro e mais distante ainda da África. Os tripulantes tentaram salvar-se num bote salva-vidas, mas a tempestade forte matou todos, exceto Robinson, que foi levado pelas ondas até a costa. Já em terra firme, matou sua sede ao encontrar uma fonte de água doce e decidiu dormir no alto de uma árvore. Era o dia trinta de setembro de 1659.

No dia seguinte, viu que o navio estava encalhado perto da ilha e foi nadando até ele na esperança de encontrar algum sobrevivente. Não se encontrou ninguém com vida, apenas um cachorro e quatro gatos. Tratou de retirar tudo que pudesse ser aproveitado do navio, que estava com o casco arrombado, porém não foi ao fundo por ter encalhado em um banco de areia. Tudo que estava nos camarotes e no convés encontrava-se seco. Robinson aproveitou o máximo de madeira do navio, sempre fazendo jangadas com ela e transportando aquilo que julgava necessário para sua sobrevivência na ilha. Após trinta dias na ilha, viu finalmente o navio ser tragado pelo mar. Em doze viagens que fez até o navio conseguiu retirar machados, sacos de prego, cordas, pedaços de pano encerados para vela, pés-de-cabra, duas barricas com balas de mosquete, sete mosquetes, duas espingardas de atirar chumbo, uma caixa de munições, dois barris de pólvora, roupas, uma rede, colchões, uma grande reserva de pães, três barris de rum e aguardente, uma caixa de açúcar, um tonel de farinha, navalhas e uma boa quantidade de ouro e prata. Robinson passou a tratar de dar um jeito de conseguir sobreviver naquela ilha. Criou um calendário improvisado para não se perder no tempo e construiu um abrigo na praia, muito bem estruturado, escavou uma caverna que usava como depósito e, após fazer um reconhecimento do território, construiu um abrigo em um vale que encontrara que chamava de “casa de campo”. Passado um tempo, ao ficar doente, teve um sonho que mudou sua vida interior. Ele viu um homem descer dos céus em uma grande nuvem negra e, no meio de um clarão de fogo, tinha, em uma de suas mãos, uma lança. Dirigiu-se a Robinson dizendo que ele, por conta da sua incapacidade de se arrepender, deveria morrer. Ao acordar, procurou em uma gaveta rolos de fumo, para tentar curar sua febre e, na mesma gaveta, encontrou uma Bíblia, que, a partir daquele dia, passou a ser lida.

Após vinte e cinco anos na ilha e já conformado de que viveria ali solitário o resto da sua vida, Robinson descobriu que não estava sozinho. Um grupo de selvagens antropófagos visitou a ilha para realizar seus rituais sangrentos. Durante um desses rituais, uma das vítimas fugiu em disparada. O homem foi perseguido por outros três indivíduos. Percebendo que eles estavam se afastando do grupo maior de selvagens, Robinson decidiu ajudar, e conseguiu salvar o homem que se ajoelhou perante ele em forma de total submissão e gratidão. Deu-lhe o nome de Sexta-Feira, devido ao dia em que o salvara. Seu novo amigo era forte e musculoso, testa alta, olhos brilhantes, o cabelo preto e liso, pele escura, tinha um porte esguio. Ensinou-lhe tudo que ele precisava saber, desde o idioma até o trabalho com a agricultura na ilha. Com algumas informações que Sexta-Feira lhe deu, Robinson se encheu de esperança, pois sabia que era possível sair daquela ilha, e naquele momento, com a ajuda de Sexta-Feira poderia trabalhar no projeto de uma embarcação maior para sair dali.

Com a embarcação já preparada, só aguardando o tempo certo da partida, um novo grupo de antropófagos aportou na praia, próximo ao abrigo. Dessa vez estavam em número maior. Robinson pensou em apenas esperá-los terminarem seu ritual e partirem, pois o risco de serem capturados era grande, já que estavam em desvantagem. Porém, decidiu agir, ao ver que um homem branco era um dos prisioneiros. Escondido atrás das árvores começou a atirar nos selvagens, que ficaram muito assustados. Dos vinte e um selvagens que havia na praia, dezoito morreram, e outros três fugiram numa canoa. Sexta-Feira lutou bravamente e, no fim daquela pequena batalha, à beira mar, encontrou seu pai amarrado em uma das outras canoas que ali estavam. O homem branco que foi salvo era um espanhol. Após levar os dois até o abrigo e cuidarem deles, foi decidido que os dois iriam até a tribo de Sexta-Feira, onde segundo seu pai, havia mais homens brancos que poderiam ajudá-los a sair dali com vida mais facilmente. Robinson preparou algumas provisões e armamentos e os dois partiram em uma pequena embarcação que já havia sido preparada. Era, então, só esperar o retorno dos amigos.

Apenas oito dias depois da partida dos amigos, Robinson avistou um navio inglês próximo à ilha. Embora muito contente, ele aguardou para ver o que aconteceria e, quando um barco aportou na praia, se deu conta de qual era a situação. Houve um motim no navio e os rebeldes vieram deixar na ilha o capitão do navio, junto com seu imediato e mais um passageiro. Robinson ofereceu ajuda, pedindo em troca que o capitão aceitasse suas condições. O capitão, sem hesitar, aceitou a oferta e juntos conseguiram recuperar o navio.

Com a conquista concluída, conseguiu deixar a ilha, após estar ali durante vinte e oito anos, dois meses e dezenove dias.

Depois de trinta e cinco anos sem ver sua terra natal, Robinson pisou na Inglaterra em 11 de junho de 1687. Não encontrou seus pais, só o que lhe restou da família foram duas irmãs que nasceram após sua partida e dois sobrinhos.

Foi até Lisboa, onde descobriu que era um homem rico. O capitão português que havia deixado como seu herdeiro não pôde assumir os negócios, já que não havia nenhuma prova irrefutável de sua morte. Sendo assim, foram nomeados pela coroa três bons administradores para cuidar de tudo na fazenda, que se tornou muito rentável. Vendeu a fazenda e resolveu aproveitar a vida.

Adotou seus dois sobrinhos, encaminhando um deles para o comércio e outro para o mar, em um bom navio, aos cuidados de um competente capitão. Casou. Teve três filhos, dois meninos e uma menina.

Após a morte de sua esposa, seu sobrinho voltou a bordo de um navio e o convidou para viajar. Claro que ele aceitou. Foi até a América e, na volta, parou na ilha em que havia passado grande parte da sua vida. Lá encontrou espanhóis junto com alguns dos ingleses rebeldes. Estavam vivendo em paz. Robinson encaminhou um navio para sua ilha, carregado de alimentos, animais, armas e até mulheres para se casarem com os espanhóis. Dividiu a terra em lotes e logo a ilha se tornou um vilarejo que ele passou a visitar regularmente durante dez anos.

Cap 2.3 - Quem foi Daniel Defoe

Defoe nasceu no ano de 1660, na Inglaterra. Filho de burgueses de origem holandesa, sua família sofria discriminações sociais por ser protestante durante o reinado de um monarca católico. A situação só melhorou quando Guilherme de Orange, de origem holandesa, subiu ao trono. Defoe conseguiu bons empregos que fez com que ele conhecesse os pormenores

sobre as colônias espanholas e portuguesas na América, lugares que mais tarde, utilizaria em seus romances.

A rainha Ana subiu ao trono e procurou revigorar a religião anglicana. Defoe foi preso duas vezes por criticar esse regime. Da primeira vez foi preso por distribuir panfletos clandestinos, da segunda vez foi por criticar o regime do governo através do jornal *The Review*, onde ele expunha suas ideias liberais.

Após esses acontecimentos, já com seus cinquenta anos, Defoe afastou-se da política e passou a dedicar-se mais à literatura. Nessa época, mais precisamente em 1719, foi que escreveu *Robinson Crusoe*, obra a qual dizem que ele se inspirou na história verídica de um marinheiro escocês que, por quatro anos, viveu isolado na ilha de Juan Fernandez, no Caribe.

Ainda escreveu outras obras como: *O capitão Singleton*, *O Coronel Jack*, *Roxana*, *O capitão Carleton*. Sua obra-prima, escrita em 1722, foi *As aventuras e desventuras da famosa Moll Flanders*, cujo tema ressalta a natureza, a solidão, a liberdade e o pleno alcance da felicidade, porém, é muito menos famosa que *Robinson Crusoe*. Embora tenha ganhado muito dinheiro em sua vida, muitos dizem que Defoe morreu na miséria, aos setenta e um anos de idade, na cidade inglesa de Moorfields, em 1731.

CAPÍTULO 3

Intertextualidade: *Náufrago* e *Robinson Crusóe*

A intertextualidade, em *Robinson Crusóe* e *Náufrago*, está evidente de acordo com conceitos temáticos. O espaço, cenário em que se passa a maior parte de ambas as histórias se assemelham.

A princípio, a intertextualidade que se torna perceptível é em relação ao fato de os protagonistas possuírem um conhecimento prévio em relação à navegação. No livro, Robinson relata que, quando foi a Londres, conheceu um capitão que o convidou para ir até a África e assim ele aprendeu o que precisava.

“Essa viagem fez de mim um mercador e um marinheiro: meu prazer de aprender era tão grande quanto o do capitão em me ensinar.”

(DEFOE, 1990. p. 12.)

No filme *Náufrago*, quando Chuck está em Memphis com sua namorada, em sua casa, uma imagem de sua prateleira mostra que ele possui um certificado de velejador.



imagem 01: cena apresentada aos 13min56s.

Um pouco depois, em ambas as obras, podemos observar mais uma intertextualidade entre elas: a sequência de eventos que levou Robinson e Chuck a uma ilha.

Primeiramente podemos observar que os dois estavam viajando a trabalho com sua respectiva tripulação. Robinson a bordo de um navio, como podemos confirmar pelo seguinte trecho do livro:

“Nosso barco deslocava cento e vinte toneladas , levava seis canhões e uma tripulação de quatorze homens, além do capitão, do seu criado e de mim.” (DEFOE, 1990, p. 18.)

Chuck viajava à bordo de um avião, carregado com encomendas, piloto, copiloto, comissário de bordo e mais um homem que aparece na imagem 03, que também fazia parte da equipe de vôo:



imagem 02: cena apresentada aos 24min17s.

O momento do acidente também possui uma semelhança evidente. A partir dos vinte e três minutos do filme até os trinta e dois minutos podemos acompanhar alguns detalhes do acidente até o momento em que Chuck chega na ilha. Pouco antes do avião começar a passar por problemas e cair no mar, Chuck ouve o piloto falando para o copiloto que eles saíram de

sua rota original cerca de trezentos e vinte quilômetros, estavam sobrevoando o Oceano Pacífico.



imagem 03: cena apresentada aos 21min58s.

No livro essa alteração do curso da rota também ocorre, de acordo com o seguinte excerto:

“Para completar a desgraça, o capitão constatou que estávamos fora da rota.” (DEFOE, 1990, p. 20.)

A maneira como Robinson tem seu primeiro contato com a ilha também pode ser relacionada e explicitamente comparada com a que Chuck o faz, de acordo com o trecho do livro e a imagem do filme apresentadas respectivamente a seguir:

“Recuperando os sentidos, agarrei-me firmemente às pedras.”
(DEFOE, 1990, p. 23.)

E no filme :



imagem 04: cena apresentada aos 30min24s.

Outro trecho do filme que podemos remeter ao livro é o momento que Chuck anda sem rumo pela costa da ilha, a procura de alguém, ele grita com a esperança de ser respondido, porém isso não acontece.



imagem 05: cena apresentada aos 33min48s.

No livro, Robinson relata o seguinte:

“Andei sem rumo pela costa, pensando nos meus amigos, todos desaparecidos, com certeza mortos.” (DEFOE, 1990, p. 23.)

Nos primeiros dias que Chuck está na ilha, ele encontra, à beira mar, algumas das encomendas que estavam no avião. Reúne-as e as abre algumas delas e vê que algumas coisas podem lhe servir de auxílio para a sobrevivência, como por exemplo, um par de patins de esqui, cujas lâminas ele usou para cortar cocos que havia na ilha, podendo dessa forma, matar sua sede.



imagem 06: cena apresentada à 01h01min33s.

No caso do livro, o navio foi levado para perto da praia, e Robinson foi a nado até ele, resgatando, em bom estado, muitas coisas que lhe seriam úteis, como podemos observar no seguinte relato:

“Enchi a primeira caixa com provisões: pão, arroz, três queijos, um resto de milho, biscoitos.”
(DEFOE, 1990, p.24)

E também:

“Ferramentas de carpintaria lotaram a segunda caixa, além de algumas peças de roupa.”
(DEFOE, 1990, p.24)

Implicitamente podemos estabelecer uma relação entre Wilson e Sexta-Feira, embora respectivamente um deles seja um ser vivo e o outro não. No filme *Náufrago*, quando Chuck tenta fazer fogo ele acaba cortando a mão e ela começa a sangrar muito. Ele começa a gritar de dor e de raiva e começa jogar tudo que está à sua volta para longe, inclusive a bola de vôlei, que ao ser arremessada fica manchada de sangue pela mão de Chuck. Alguns minutos depois ele pega a bola e desenha olhos, nariz e boca na mancha de sangue que ficou na bola com o formato de sua mão. Nesse momento nasce Wilson, nome que Chuck dá a bola, devido a marca dela, que possui o mesmo nome. Ele passa a conversar com Wilson, há uma cena, quando Chuck está prestes a arrancar seu próprio dente, que ele conta para Wilson sobre sua cidade, fala sobre seu antigo dentista, cujo sobrenome era Spaulding. O que era bem irônico, pois é a marca de uma bola de basquete.

No livro, Robinson resgata Sexta-Feira, que fugira de um grupo de antropófagos, ele iria ser comido. Depois do resgate Sexta-Feira se torna, assim como Wilson, um ótimo ouvinte:

“Contei-lhe toda a minha vida. Falei-lhe da minha pátria, a Inglaterra, do meu povo, dos seus costumes, de como viajavam o mundo a bordo de grandes navios.” (DEFOE, 1990, p.82)

Wilson é tão importante para Chuck quanto Sexta-Feira é para Robinson. No filme há uma cena em que Chuck arremessa Wilson para fora da caverna, mas depois se arrepende, o encontra e propositalmente utiliza seu sangue para dar uma “repaginada” no visual de seu amigo, demonstrando assim, que estava feliz em tê-lo como companhia.

Robinson também apresenta essa relevância em demonstrar zelo por seu novo amigo:

“Deixei-o perceber que estava muito contente com ele.”(DEFOE, 1990, p. 75)

A forma lógica e simples que tanto Chuck quanto Robinson usam para batizar seus companheiros também é semelhante. Robinson, dá o nome de Sexta-Feira ao seu amigo, pois remete ao dia em que ele o resgatou dos antropófagos. No filme Chuck batiza seu amigo de acordo com nome que vê estampado na própria bola de vôlei.

Outra semelhança que podemos notar entre Chuck e Robinson é em relação ao comportamento dos dois mesmo sabendo que estavam sozinhos. Robinson narra:

“O clima da ilha era muito quente, mas – mesmo estando sozinho – eu me recusava a andar nu.” (DEFOE, 1990, p. 48)

Em todo o filme, em nenhum momento, Chuck aparece nu. Ele usa um tipo de tanga, como podemos ver na imagem:



imagem 07 (Chuck de pé após quatro anos na ilha 1:23'40" de filme).

Os dois personagens também decidiram que não queriam perder a noção do tempo, então, ambos improvisaram seus calendários, cada um a seu modo como podemos ler na seguinte descrição de Robinson e respectivamente ao ver a imagem apresentada no filme:

Depois de dez dias, fiquei com medo de perder a noção do tempo. Improvisei então um rústico, mas eficiente, calendário. Gravei numa tábua a seguinte frase: ‘desembarquei aqui em 30 de setembro de 1659’. Preguei a tábua num poste, dando ao conjunto a forma de uma cruz. Enfiei este marco na terra, no lugar onde cheguei depois do naufrágio. Todos os dias, riscava no poste um pequeno traço. De sete em sete dias, fazia um risco maior para indicar o domingo. Para marcar o final do mês, eu traçava uma linha com o dobro do tamanho. Dessa forma, podia acompanhar o desenrolar dos dias, conseguindo situar-me no tempo. (DEFOE, 1990, p.30)



imagem 08 (calendário de Chuck 01:21' de filme).

Há um momento no filme em que Chuck faz uma menção explícita ao protagonista da obra de Daniel Defoe. O personagem diz: “Água de côco é um laxante natural. Robinson Crusoe nunca me disse isso.” Chuck fala isso logo depois de ter finalmente conseguido fazer fogo com suas próprias mãos e estar se alimentando de siri assado.



imagem 09 (exatamente a 01:13'51").

Uma cena em que podemos observar uma intertextualidade implícita é quando Chuck está construindo uma jangada para sair da ilha. Ele a constrói sobre algumas rochas, bem próximo ao mar. Assim como ele menciona explicitamente que Robinson Crusóé não havia lhe contado que água de coco era um laxante natural, podemos pressupor que Chuck, ao conhecer a história de Robinson, sabia que não deveria cometer o mesmo erro que ele cometeu, como no seguinte trecho:

Precisava de um barco. Grande e seguro. Resolvi construir um. Corria o quarto ano da minha estada na ilha. Gastei-o, quase todo, trabalhando o maior número possível de horas diárias no projeto da embarcação. Escolhi a árvore com cuidado. Era um cedro alto, com um metro e oitenta de diâmetro na base, muito rijo. Derrubei a árvore e passei a trabalha-la como um louco, embora minha pressa tenha acabado por me fazer esquecer detalhes importantes. Com a plaina e a machadinha, dei-lhe a forma externa de uma piroga, semelhante à dos selvagens brasileiros. A escavação da parte interna levou mais tempo, exigiu mais cuidados: queimava uma camada a ser extraída e depois a retirava com a plaina. Repeti pacientemente, durante dias e dias, a mesma operação: queimar, escavar... queimar, escavar... Terminada a canoa, admirei-lhe as linhas, o corte de água, a leveza das formas, o tamanho conveniente. Tinha realizado um bom trabalho! Só então me dei conta de que a embarcação estava muito longe da água. Grande e pesada, não conseguiria removê-la do lugar. (DEFOE, 1990. p. 47-48.)

Embora Chuck tenha construído uma jangada de uma forma diferente, ele a construiu na mesma época que Robinson, no decorrer do quarto ano de sua estada na ilha. Na imagem seguinte fica claro que Chuck prestou o devido cuidado para que a jangada pudesse chegar às águas sem muita dificuldade:



imagem 10 (jangada de Chuck à beira mar 01:32':25").

Inclusive, essa jangada, com o auxílio de uma vela improvisada que fora levada pela maré até a ilha que possibilita a travessia de Chuck em relação as maiores ondas, que outrora, o arrastavam de volta à costa. A partir daí, podemos estabelecer uma outra relação do filme com o livro por conta do seguinte trecho apresentado na obra de Defoe:

Levantei-me rapidamente fui espiar. Do lado do continente, mas num ponto mais ao sul, vinha um barco. Navegava em direção à ilha, com uma vela triangular. Com toda certeza, aqueles marinheiros não eram os amigos que estávamos esperando. Retornei ao 'castelo' para apanhar os binóculos e as armas. Por medida de segurança, ordenei a Sexta-Feira que permanecesse em casa. Como sempre fazia quando queria ter uma perfeita visão de todos os lados da ilha, subi no monte. Mais ao sul, afastado umas quatro milhas, vi um navio! Como não se movimentava, deduzi estar ancorado. Parecia ser uma embarcação inglesa; e também o barco tinha a forma de um pequeno veleiro antigo... Eu tinha, pois, todos os motivos para estar contente. (DEFOE, 1990, p.95)

Como podemos ver, os veleiros deram esperança a ambos protagonistas, proporcionando-lhes o início do retorno dos dois à civilização. Chuck em seu veleiro rústico e improvisado conseguiu atravessar as ondas e ficou em alto-mar, à deriva por alguns dias, até que um navio cargueiro passou por perto e, o avistando, o resgatou.

O veleiro que deu esperanças a Robinson estava com o capitão do navio ancorado próximo à ilha sendo levado até ela como prisioneiro junto com o piloto do navio e mais um passageiro. Os marinheiros que o estavam levando até ilha de Robinson faziam parte de um grupo de amotinados que se rebelaram e estavam com o intuito de deixar o capitão e seus dois companheiros para morrer na ilha. Robinson ajudou o capitão a escapar e a recuperar o navio e, graças a isso, conseguiu sair da ilha junto com Sexta Feira.

Observe o trecho a seguir, retirado de Robinson Crusoe:

“No mesmo navio em que embarquei na ilha, cheguei à Inglaterra.”
(DEFOE, 1990, p.108)

É possível identificar mais uma semelhança quando lemos esse trecho e vemos o filme. O fato de Chuck e Robinson terem sido resgatados por um navio.

Além dessas semelhanças é interessante acrescentar a classificação feita por Marcel Martin e apresentada pelo professor Valdevino Soares de Oliveira.

E, no que toca em particular à linguagem do cinema e do texto literário o que as aproxima basicamente é a montagem. O cinema se funda na imagem: a literatura na palavra. Ambos, porém, podem valer-se de técnica semelhante para expressar seus conteúdos: a montagem. E a mesma não é privilégio de nenhuma arte. Tanto pode ser usada no cinema quanto na literatura e demais atividades artísticas, visto que ela é um processo de linguagem cuja ‘função criadora consiste em aproximar elementos diversos colhidos na massa do real, fazendo surgir um sentido novo de sua confrontação’.

De acordo com Martin *apud* Oliveira, existem dois tipos de montagem: a narrativa, em que uma história é ordenada de acordo com uma sequência lógica de acontecimentos que

contribuem para fazer avançar a ação tanto de um ponto de vista dramático quanto psicológico.

Podemos observar essa técnica aplicada no livro *Robinson Crusóé*, quando o personagem sai com vida de seu primeiro naufrágio, em seguida é feito escravo de um pirata e depois de dois anos, consegue escapar e começa a viver de uma forma estável. Vai novamente aventurar-se no mar e acaba novamente sofrendo um naufrágio, mas desta vez, fica preso em uma ilha até então desconhecida, solitariamente.

Já no filme há também a montagem narrativa, porém, o tipo de montagem que fica mais evidenciada é a expressiva, pois exprime através de si mesma um sentimento e/ou uma ideia. As justaposições de planos produzem, através do choque de duas imagens, um efeito direto e exato. É possível observar essa montagem aplicada no filme *Náufrago*, no momento em que aparece uma cena em que Chuck tenta pescar um peixe que está bem próximo a ele. Não consegue. Algum minuto mais adiante aparece outra sequência de imagens em que Chuck está totalmente diferente. Primeiramente a imagem apresenta um peixe sendo capturado por um tipo de arpão improvisado, depois a câmera vai mudando a direção e mostra Chuck distante, o que nos faz pressupor que ele tornou-se um exímio pescador. É evidente a disparidade do aspecto físico do personagem entre as duas sequências de cenas apresentadas.

Tom Hanks, como já foi citado neste trabalho, passou por uma transformação para que essa montagem pudesse reproduzir o efeito desejado. Ele perdeu vinte quilos e deixou barba e cabelo crescerem. No filme há um salto temporal de quatro anos, que é o tempo que Chuck está na ilha. As filmagens foram suspensas por alguns meses para que o ator conseguisse ficar com o perfil desejado para realizar essas cenas. É extremamente chocante a diferença.

CONCLUSÃO

A literatura, há algum tempo, tornou-se motivo de inspiração em filmes, teatro, e letras de música.

De acordo com Paulino, Walty e Cury (2005), a intertextualidade tornou-se um conceito indispensável para que se possa compreender a literatura, visto que, a linguagem literária invade o domínio de outras linguagens e também se deixa penetrar por elas, por possuir um código verbal com uma vasta extensão de formas e significações, impedindo, assim, que um texto se esvazie em si mesmo.

Podemos observar como outros bons exemplos de retomadas à literatura: a música *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque e o filme *Sherlock Holmes*.

O conto *Bola de Sebo*, de Guy de Maupassant foi retomado na música de Chico Buarque, *Geni e o Zepelim*.

A música fala de uma moça que é discriminada por todas as pessoas de sua cidade pelo fato de entregar-se a qualquer um. O conto narra a história de *Bola de Sebo*, uma prostituta que, tenta fugir junto a comerciantes, nobres, burgueses e religiosos de sua cidade, que está sendo invadida pelos prussianos.

O maior ícone da ficção detetivesca, *Sherlock Holmes*, foi escrito no fim do século XIX, pelo inglês Arthur Conan Doyle. No entanto, foi da mente do escritor americano Edgar Allan Poe que surgiu o primeiro gênio das investigações. Dono de uma astúcia sem igual Auguste Dupin, o protagonista de “*Os Crimes da Rua Morgue (1841)*”, foi o primeiro detetive moderno. Sabemos que ambas as obras foram retomadas na atualidade em forma de séries e filmes.

De acordo com este trabalho concluímos que tanto a leitura como o repertório cultural de cada indivíduo contribui para que ele possa enxergar com outros olhos atribuindo novos sentidos tudo que é produzido e apresentado na sociedade, sejam músicas, filmes, obras literárias, teatro.

Este trabalho atesta com veemência o diálogo entre uma obra literária (*Robinson Crusóe*) e uma obra mais popular (o filme *Náufrago*).

BIBLIOGRAFIA:

ADORO CINEMA, Disponível em: <www.adorocinema.com/filmes/filme-27770/curiosidades/>. Acesso em (02 de novembro de 2017).

DIÁRIO DO GRANDE ABC. 07 de março de 2001. Da AJB. Disponível em: <[www.dgabc.com.br/\(X\(1\)S\(ny2ayatg5adx0smtgxd5ezbx\)\)/Noticia/154333/filme-naufrago-impulsiona-turismo-nas-ilhas-fiji](http://www.dgabc.com.br/(X(1)S(ny2ayatg5adx0smtgxd5ezbx))/Noticia/154333/filme-naufrago-impulsiona-turismo-nas-ilhas-fiji)>. Acesso em (02 de novembro de 2017).

KOCK, Ingerore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTI, Monica Magalhaes. **Intertextualidade Dialogos Possiveis**. São Paulo. Cortez Editora, 2ª Ed. 2008.

Náufrago (Cast Away). Robert Zemeckis, 2000. 143 min. EUA. 20th Century Fox.

OLIVEIRA, Valdevino Soares. **Literatura Esse Cinema com Cheiro**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. **Intertextualidades**. São Paulo. Editora Formato. 2005.

VEJA, São Paulo, Abril, ano 50, ed. 2.552, nº 42.

ZOTZ, Werner. Daniel Defoe **Robson Crusóé - A Conquista do Mundo numa Ilha**. São Paulo. Scipione. 1990.